

ESPAÇOS E IDENTIDADES DESLIZANTES EM **VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO**, DE MIA COUTO

MÁRCIA SOUTO FERREIRA*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. O presente trabalho foi realizado com bolsa de mestrado concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

Resumo



romance de Mia Couto nos proporciona uma observação de pontos importantes das culturas europeia e africana e dos trânsitos culturais entre elas. As personagens centrais do livro são construídas em jogos especulares: o português Sidónio Rosa e o moçambicano Bartolomeu Sozinho, ao buscarem um ao outro, refletem-se como portadores de identidades de fronteiras ou, como sugere Boaventura de Sousa Santos, “interidentidades”. Sidónio e Bartolomeu são sujeitos formados nos entre-lugares, “nos excedentes da soma das ‘partes’ da diferença” (BHABHA, 2007, p. 20). Eles se formam através dos excedentes das culturas africana e europeia. Há, também, entre essas personagens, uma relação que deixa aflorar intensas contradições: Sidónio é um pseudomédico e Bartolomeu um falso doente. No desenrolar do romance, essa situação fortalece-se por outros segredos e enigmas.

Palavras-chave: Trânsitos identitários; Interidentidades; Deslocamentos; Fronteiras; Mia Couto.

O crítico Homi Ka Bhabha propõe que “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de ‘alteridade’.” (BHABHA, 2007, p. 33). A consideração do teórico permite-nos acreditar na relevância dos estudos das narrativas ficcionais que transitam por questões relativas à identidade e à alteridade. Tais questões, conforme salienta Inocência Mata (2006, p. 35), fazem com que a opressão colonial e as contradições do período pós-colonial possam ser postas em relação com o anticolonial e com o neocolonial quando são encenadas na literatura produzida em espaços que vivem as tensões pós-coloniais.

Pensamos ser, por isso, pertinente ressaltar aspectos de um dos mais recentes romances do escritor moçambicano Mia Couto, **Venenos de Deus, remédios do Diabo**¹ (2008), porque nele, os aspectos aponta-

Ao longo do texto, serão utilizados tanto o título do romance, por extenso, quanto sua abreviação, indicada por VDRD.

dos por Inocência Mata estão presentes, permitindo que, em sua leitura, ressaltem-se as estratégias utilizadas pelo escritor para retomar os processos de construções de identidades.

A leitura do romance permite que se pense como os estilhaçamentos de identidades nele se configuram, uma vez que, a exemplo de outros romances do escritor moçambicano, o leitor é convidado a lidar com enigmas, mentiras e deslizamentos caracterizados pelo passar do tempo. Essas questões apontam para um constante esforço de reconstrução e de reconhecimento que se manifesta nas ações desenvolvidas pelas personagens e na configuração de uma trama que costura espaços e tempos diversos.

As questões propostas pela narrativa instigam-nos a retomar as reflexões de Stuart Hall, expostas na obra **A identidade cultural na pós-modernidade** (2003). Nesse livro, o teórico analisa as transformações pelas quais passam as sociedades na pós-modernidade e salienta as mudanças estruturais que estão fragmentando conceitos antes sólidos, como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Atualmente, tais conceitos se apresentam com sentidos instáveis, indicando mudanças na consideração das identidades pessoais. São comuns questionamentos a respeito “da ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” (HALL, 2003, p. 9). De acordo com esse teórico, essa perda das certezas a respeito de quem somos marca-se pela desestabilização de quadros de referências que sustentavam a concepção de sujeito pleno e de identidade sólida. Relacionadas com essas transformações, modelam-se mudanças profundas na concepção identitária, uma vez que o sujeito pós-moderno assume-se como não portador de uma identidade fixa, essencial ou permanente; ao contrário, os processos de identificação transformam-se a todo momento.

Se observarmos o romance **Venenos de Deus, remédios do Diabo**, de Mia Couto, percebemos que ele encena deslizamentos de pertença, desmanches de tradições e de identificações entre indivíduos de ordens sociais e culturais diferentes, deixando-nos a ideia de que “trânsito de alma (...) é bem mais contagioso que o mais virulento micróbio.” (COUTO, 2008, p. 80)². Essa obra de Mia Couto pode ser compreendida como um lugar de enunciação da subjetividade deslizante e/ou inquietante do homem no período pós-colonial, em que “a identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra.” (HALL, 2003, p. 86-87).

Nesse romance, em que se encontram personagens que viveram o período colonial português em Moçambique, discutem-se relações identitárias construídas nos dois lados que se aproximam. As personagens centrais do livro são construídas em jogos especulares: o português Sidónio Rosa e o africano Bartolomeu Sozinho, ao buscarem um ao outro, refletem-se como portadores de identidades de fronteiras ou, como sugere Boaventura de Sousa Santos (2003), “interidentidades”. Sidónio e Bartolomeu são sujeitos construídos nos entre-lugares, “nos excedentes da soma das ‘partes’ da diferença.” (BHABHA, 2007, p. 20). Eles se formam através dos excedentes das culturas africana e europeia. Há, também, entre essas personagens, uma relação que dei-

Todas as citações dessa obra foram extraídas da mesma edição e doravante serão assinaladas, apenas, pelo número de página.

xa aflorar intensas contradições: Sidónio é um pseudomédico e Bartolomeu um falso doente. No desenrolar do romance, essa situação fortalece-se por outros segredos e enigmas.

Ainda que venham de mundos diferentes, parece haver algo que impulsiona uma atração entre Sidónio e Bartolomeu. Essa atração aparece na narração de diversas formas, inclusive na relação metonimizada dos pertences dos dois: “Retira da sacola o estetoscópio, mas o doente, mal pressente a intenção, ergue-se, esquivo. Sidónio deixa escapar o aparelho que tomba entre chaves de fenda, alicates e apetrechos do ex-mecânico.” (p. 17). Mesmo as diferenças, as contradições entre ambos parecem convergir para uma complementaridade. Exemplo disso é a relação que têm com as correspondências, enquanto Bartolomeu revela que as cartas “são o único barco que me restou...”, Sidónio assume: “– Olhe que eu aqui, tão longe de Portugal, não espero que ninguém me escreva.” (p. 27-28).

O narrador vai construindo/revelando essas duas personagens sempre em relação uma com a outra. No primeiro capítulo, o médico adentra a casa de Bartolomeu; no terceiro, depois de ter falado do passado de Bartolomeu (segundo capítulo), mostra-se o presente da relação do médico com o paciente, que vai ser central na narrativa do romance, que, de alguma forma, enseja uma discussão a respeito da relação do (ex)colonizador com o (ex)colonizado.

Ainda que sejam compostos de identidades fronteiriças, há marcas da origem de Sidónio e de Bartolomeu. O médico, com seu saber ocidentalizado, não crê, como os moradores da Vila Cacimba, na maldição que assola a cidade. Para ele, as doenças “possuem causas objectivas.” (p. 10). Por outro lado, Bartolomeu não só proíbe a esposa de lavar as roupas dos internos do hospital, “tresandarilhos”, como vê o hospital como um ambiente em que lhe sugam os fluidos: “O hospital é um lugar doente.” (p. 12).

A certa altura do romance, Bartolomeu diz que “as famílias são caixas de histórias, segredos e mentiras” (p. 90) e acrescenta, tendo em consonância o narrador de VDRD, que em Vila Cacimba os segredos não são enterrados, ficam em buraco aberto “como ferida que nunca ganha cicatriz.” (p. 104). Nesses trechos podemos perceber o clima de confiança que ganha o lugar. Bartolomeu, partindo da premissa de que as famílias são feitas de segredos e de mentiras, de antemão defende-se do que poderiam ter contado ao médico a respeito da sua relação com Deolinda: “É que a cabeça dos filhos fabricam fantasmas, coisas imaginadas. E acusam os pais de crimes que nunca chegaram a existir.” (p. 90). Nessa defensiva, de Bartolomeu adianta-se alguma acusação que está por vir. E essa defesa coincide com o momento em que o velho conhece a fraude que envolve o médico. Parece que se irmanam na mentira, nos enganos que protagonizam: Bartolomeu em relação à Deolinda, e Sidónio em relação à sua real condição de estudante de medicina, mentindo ao dizer-se médico formado, que é como se apresenta na Vila Cacimba. Dessa forma, o engodo localiza-se em ambas as partes, ressaltando quão complexas e contraditórias são as narrativas, tanto do colonizador quanto do colonizado. Na fala de um e do outro a alteridade se constrói em processos especulares confusos.

Conforme Boaventura de Sousa Santos (2003), a condição periférica de Portugal teve impactos nos planos econômico, social, político, jurídico e cultural de sua colonização, mas também nas relações de sujeição e de resistência e na própria narrativa da colonização. Consequentemente, o pós-colonialismo deve ser entendido em dois sentidos: como um período histórico posterior à independência das colônias e como “um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial escrita pelo colonizador e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado.” (SANTOS, 2003, p. 26). Dessa forma, parece-nos pertinente pensar que a mentira que se percebe na fala das duas personagens pode ser uma estratégia de desconstrução da narrativa colonial, mas também uma forma rasurada do discurso pós-colonial produzido pelas duas partes, ex-colonizador e ex-colonizado. No próprio processo de colonização portuguesa já se percebia uma diferenciação em relação a colonialismos tradicionais, como o inglês, por exemplo. Como observa Sousa Santos (2003), na construção da identidade do colonizador português havia uma dupla conjunção: “O outro-outro (o colonizado) e o outro-próprio (o colonizador, ele próprio colonizado) disputam, na identidade do colonizador, a demarcação das margens de alteridade, mas nesse caso a alteridade está, por assim dizer, dos dois lados da margem.” (SANTOS, 2003, p. 27). Dessa forma, a união e a identificação das personagens Sidónio e Bartolomeu acabam por desmanchar as demarcações de um discurso localizado em apenas uma das margens. Ao contrário, vem demonstrar a volubilidade das fronteiras. Isso também ocorre com Bartolomeu que, por não ter lugar marcado, pode bem representar os trânsitos discursivos. Ele não é detentor de uma única narrativa do pós-colonial, mas propõe muitas histórias, muitas mentiras.

Na construção do personagem Bartolomeu, destaca-se seu caráter fronteiro: “De tanto ir e vir, ele já trocava partida por destino. De tanto viver no mar, ele já perdera pátria em terra. Já não era de nenhum lugar. De uma onda, desfeita em espuma: era essa a sua pertença.” (p. 27). Essa característica de Bartolomeu, esse deslocamento que lhe é tão peculiar vai perpassar toda a narrativa. O mecânico naval encerra-se no quarto, lugar onde se sente seguro, de onde só sai raras vezes. É no quarto também o lugar onde se recebe o médico, a quem pede remédios venenosos que lhe matem. Uma vez, Bartolomeu saiu do seu refúgio em busca de alguém que o matasse, mas, segundo ele, para valorizar a morte tinha que ser morto por um branco. Sobre esse comentário do velho, “Ao português lhe apeteceu contestar, reclamar do pensamento racista do outro, mas permaneceu calado” (p. 54), Sidónio percebe na fala de Bartolomeu algo de cunho discriminatório, mas se cala. Essa fala de Bartolomeu apresenta a ambiguidade da personagem, que mesmo tendo sua força de trabalho explorada pelo branco, acha legítimo ser ele quem deve lhe tirar a vida. Assim, Bartolomeu, mais uma vez, se mostra um homem sem lugar, ainda que visto como assimilado. Não há lugar para ele no regime, assim como não há no tempo de independência.

Bartolomeu, como personagem de trânsito, também pode ter caminhos ideológicos trilhados de modo deslizando. No casamento com a mulata Munda, para ser aceito pela família dela, o mecânico diz ser ex-

tremamente mulato. cremos que se pode ler tal fala tanto como uma maneira de negar a cor de sua pele, mas também pode se identificar traços de ambiguidade. Sobre a cor da pele do amigo médico, Bartolomeu afirma que “As pessoas não têm cores. Ou têm cores que não têm nomes.” (p. 66). Essa passagem parece corroborar o pensamento de que Bartolomeu é personagem deslizando ao tratar-se extremamente mulato ou ainda quando procura por um branco para tirar-lhe a vida.

O sobrenome de Bartolomeu, originalmente, era Tsotsi: “Primeiro, foram os outros que lhe mudaram o nome, no baptismo. Depois, quando pôde voltar a ser ele mesmo, já tinha aprendido a ter vergonha do seu nome original. Ele se colonizara a si mesmo. E Tsotsi dera origem a Sozinho.” (p. 110), deixando claro que a colonização deixa marcas definitivas. Na mudança do nome, Bartolomeu traslada-se a si mesmo e nesse caminho torna-se sozinho. cremos estar, nessa estratégia, a característica principal da personagem. Ao aceitar os deslocamentos, Bartolomeu caminha para dentro de si mesmo e só encontra a solidão. Ao ir embora do lugar de nascimento, a personagem, de alguma forma, se mostra, “nos excedentes da soma das ‘partes’ da diferença”, conforme acentua Bhabha (2007, p. 20).

Vila Cacimba, terra escolhida por Bartolomeu ao retornar das viagens no navio colonial, configura-se como um lugar que, enevado, não deixa perceber bem as delimitações identitárias, haja vista as personagens que se encontram ali: Munda, Suacelência, Deolinda e o médico português. Todos os personagens configuram-se como não essencialistas, portadores de identidades deslizando. Construídos nas interações, na convivência, eles transitam entre uma e outra representação.

Outro exemplo do paralelismo entre as personagens Bartolomeu e Sidónio pode ser observado no capítulo quatorze, quando, depois de Munda descobrir uma fotografia de uma moça, Bartolomeu assume ter tido um caso fortuito em Portugal que lhe gerou uma filha. Na sequência a essa confissão, Bartolomeu afirma conhecer a fraude de Sidónio, que não era médico formado e, portanto, exercia ilegalmente a profissão. No momento em que se descobre uma mentira de Bartolomeu, descobre-se outra de Sidónio. Mas o velho perdoa o amigo: “-Tudo isto não tem importância: você não é verdadeiramente médico, eu não sou doente.” (p. 134). Parece que, ao perdoar o português, Bartolomeu deseja também para si o perdão. Esse espelhamento é confirmado por Munda, mesmo que de modo deslocado, enviesado, pois, segundo ela, Sidónio “é muito médico e ele [Bartolomeu] é ainda mais doente.” (p. 138).

O romance de Mia Couto também encena o embate provocado pelo conflito histórico, em que os ex-colonizados cobram pelos anos de submissão a que foram forçados. Na relação que mantêm os dois protagonistas, percebe-se um choque entre eles quando Bartolomeu descobre a grande mentira de Sidónio e o vê como inimigo. O mesmo ocorre com o português ao perceber que teve o segredo descoberto pelo velho. Esse conflito leva-os a tempos antigos e Bartolomeu acusa Sidónio de atos que cometeram os portugueses no passado, como o comércio escravo: “- Sonhei que o senhor entrava no meu quarto. Trazia uma seringa na mão. Afinal, junto à luz, percebi que não era uma seringa:

era uma pistola.” (p. 93). O velho ainda continua: “–Talvez não seja tão estranho se pensarmos que os seus antepassados traziam pistolas e espingardas para nos matar a nós, africanos.” (p. 93). No entanto, como no dizer de Homi Ka Bhabha (2007), no livro *O local da cultura*:

O poder da tradução pós-colonial da modernidade reside em sua estrutura *performativa, deformadora*, que não apenas reavalia os conteúdos de uma tradição cultural ou transpõe valores ‘trans-culturalmente’. A herança cultural da escravidão ou do colonialismo é posta *diante* da modernidade *não* para resolver suas diferenças históricas em uma nova totalidade, nem para renunciar a suas tradições. É para introduzir um outro locus de inscrição e intervenção, um outro lugar de enunciação híbrido. (2007, p. 333-334).

Bhabha propõe que as diferenças históricas e os seus conflitos não sejam usados em favor de um discurso revanchista, mas que, no encontro, se conciliem e que sejam construídos espaços para a manifestação das alteridades e das hibridações que ocorrem a partir das marcas próprias de cada um.

Numa espécie de contraponto às acusações históricas de Bartolomeu, Sidónio consegue perceber que o tempo de agora é outro, as condições e as pessoas também são outras e responde ao mecânico: “Tenho tanto a ver com essa gente como você.” (p. 94). Sidónio nega que seja uma encarnação/continuação do povo que explorou Moçambique. Ainda assim, ferido, ironicamente, Bartolomeu diz: “–Calma, Doutor. Não se enerve, são factos históricos...” (p. 94). Parece que Bartolomeu tem, sim, consciência de que nem ele nem o médico representam identidades essencialistas ocupando espaços fechados, mas, ferido pela mentira de Sidónio, tem nesse comportamento, nessa mágoa histórica, uma forma de machucar e de provocar o português. Esse episódio termina com a bandeira da empresa de navegação colonial incendiada por Bartolomeu, que esbraveja: “–Acabou-se a merda da liberdade! Acabou-se a puta da nação!” (p. 95). Diante das enigmáticas frases de Bartolomeu, o narrador do romance interpõe-se, propondo uma interpretação para o que foi dito: “Talvez a ofendida nação fosse o pequeno quarto onde ele se havia enclausurado. E a amaldiçoada liberdade fosse a possibilidade de visitar o passado e voltar a viajar em falecidos navios coloniais.” (p. 95).

A literatura produzida por Mia Couto, ao encenar conflitos e possibilidades de conciliação, apresenta-se como performativa do encontro das partes que compuseram a cena de um Moçambique colonizado e pós-colonizado. Cremos ser a proposta maior do romance VDRD, discutir essa aproximação e revelar a crença de que é possível uma relação afetiva e efetiva entre atores de mundos tão diferentes mas também tão iguais.

Acreditamos também estar reiterada nessa passagem a possibilidade de se ler a personagem Bartolomeu como portadora de identidades em trânsito e que não vê, no retorno ao passado colonial, uma necessária volta ao seu passado individual. O desespero expresso pelas palavras de Bartolomeu revela a tristeza em perceber que no conflito, na mágoa, pode falar mais alto a diferença existente entre os dois amigos,

ainda que ambos pertençam às margens e às fronteiras. O fato de, no dia seguinte, o médico empunhar uma bandeira branca, que sugere o apagamento do conflito entre as personagens e o fato de ser aceito por Bartolomeu em sua casa, são indicadores de que, mesmo na diferença, é possível o encontro, ainda que o conflito se mantenha. No romance de Mia Couto, a crise provocada no embate entre as personagens faz com que se reivindique o direito à identidade própria. Ao se defender da acusação de que se apropriou ilicitamente do passaporte de Sidónio, Bartolomeu se expressa em língua nativa, assim reafirmando a sua identidade de africano. Tal afirmação, no entanto, desmancha-se pelo uso da língua local fazer-se em diálogo com o português. O processo é mais uma manifestação da hibridez da personagem, característica de identidades em trânsito.

Na construção das personagens do livro VDRD, várias passagens revelam-se como contradiscurso da narrativa colonialista na caracterização híbrida com que todos são criados. Subverte-se o discurso colonial, em que a construção que se faz do outro é rígida, fixa, sendo a “fixidez, como signo da diferença cultural/ histórica / racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem inutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca.” (BHABHA, 2007, p. 105). Bhabha ainda chama atenção para a necessidade que o discurso colonial tem da repetição do estereótipo que, não provado no discurso, mostra-se ambivalente. Sidónio e Bartolomeu, como temos visto, espelham-se, no modo como se buscam, no outro. Outros personagens do romance também se constroem em movimentos que fogem do estereótipo.

No romance de Mia Couto, a maneira como se constroem as personagens parece negar o discurso da fixidez colonial. Como se tem demonstrado, as personagens são construções móveis. Nessa construção, o corpo também destoa da fixidez, mostrando-se híbrido, em trânsito: Bartolomeu é e não é doente; Dona Munda, no manifesto desejo pelo médico, reconhece-se como um corpo que demanda prazeres, tendo a atração correspondida por Sidónio, que é e não é médico. Suacelência torna-se dono de si nas bebedeiras e sua Esposinha reage silenciando-se. Assim, encontra-se no domínio do próprio corpo, uma reação ao poder exógeno, uma contrarrepresentação da fixidez, do estereótipo, que nega as diferenças, sendo esta uma forma de prisão.

O que se nega ao sujeito colonial, tanto como colonizador quanto colonizado, é aquela forma de negação que dá acesso ao reconhecimento da diferença. (...) Isto porque o estereótipo impede a circulação e a articulação do significante de “raça” a não ser em sua fixidez enquanto racismo. (2007, p. 117).

Em VDRD, tanto a personagem europeia quanto as africanas, caminham do estereótipo em direção à não fixidez, que é possível no encontro que vivem, mediado pela figura diáfana de Deolinda, a qual personifica a ponte onde ocorrem os intercâmbios entre as personagens do romance.

Acreditamos que o romance de Mia Couto, por meio da construção das personagens, apresenta-nos uma narrativa na qual se articulam as

diferenças, encenando processos de subjetivação que se contestam, mas também que se solidarizam.

ABSTRACT

Mia Couto's novel, *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, allows us to observe important points of European and African cultures and cultural transits between them. The book's central characters are constructed in specular games: the Portuguese Sidónio Rosa and the Mozambican Bartholomeu Sozinho in seeking each other, they are reflected as vehicles of identity boundaries or, as suggested by Boaventura de Sousa Santos, inter-identity. Sidónio and Bartholomeu are formed as between-place subjects, "in excess of the sum of 'parts' of difference" (Bhabha, 2007, p.20). They are formed of the excess of African and European cultures. There are also between these characters, a relationship that makes intense contradictions emerge: Sidónio is a pseudo doctor and Bartholomeu a false sick. In the course of this novel situation is strengthened by other secrets and riddles.

Keywords: Transits identity; Inter-identity; Displacements; Borders; Mia Couto.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi Ka. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 19-42.
- COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do Diabo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, n. 2, p. 33-44, jan/jun, jul/dez 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban – colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. *Novos Estudos*, São Paulo-Cebrap. n. 66, p. 23-52, jul 2003.